



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

A LETRA COM A CARETA

Aproveitámos uns dias livres e fomos de alongada até lá baixo. Ficámos em S. Martinho do Porto e devassámos os arredores: Foz do Arelho, Nazaré, Peniche, Baleal, enfim, um conjunto de praias que inegavelmente são bonitas também. S. Martinho com uma baía que dantes ia até Alfaizerão, tem em seu proveito ainda uma cordilheira que lhe tapa a nortada. É o que falta à praia de Fão que, ao contrário, e no dizer de Artur Vinhas, que Deus haja, tem, não exactamente ao norte, uma serrania disposta de tal maneira que o vento resvala pelas encostas que se abrem num boqueirão e o lançam no sentido das praias do nosso concelho. É a tal *nortada* que todos conhecemos e de quem nenhuma pessoa - estamos certo disso - tem saudades.

Mas não pensemos que é só S. Martinho quem bate o pé à propagandeada beleza de Fão. Existem outros locais tão ou mais belos que o nosso torrão natal. Estamos a lembrar Sintra, o Bom Jesus de Braga, trechos do Gerês e, se quisermos as praias, vamos evocar a praia da Rocha, Buarcos, Arrábida, Moledo do Minho, Caminha e tantas outras. A natureza, com elas, foi igualmente muito pródiga.

Neste aspecto não tenhamos dúvidas nem peneiras. Só que a mão do homem pode complementar a obra que primeiro coube à mãe Natureza. A vila de Fão, para além de se rever na tríada que lhe foi dada de mão beijada: mar, rio e pinhal, tem ainda um centro urbano que lhe empresta patine e uma certa peculiaridade. Este tipicismo que até há anos atrás foi muito mal tratado, tem que se manter, custe o que custar.

E em que é que a mão do homem pode servir de muleta ao ambiente natural? Em nosso entender a primeira coisa ou o primeiro problema a resolver está relacionado com a limpeza. Precisamos de uma praia limpa (Câmara e Capitania). É imperiosos e urgente que se proceda à limpeza do pinhal (particulares e Junta). Seria o cúmulo de civismo que os habitantes locais se habituassem a não lançar nada para o chão (particulares).

A juntar a este pretenso desiderato, era importante que se promovesse um concurso de janelas floridas. E já que estamos com a

(Continua na pág. 2)

AINDA A REABERTURA DO MUSEU DE SOARES DOS REIS

Como noticiámos no último número de "O Novo Fanguero", teve lugar em 18 de Maio passado a reabertura deste Museu com a exposição (para além do seu acervo próprio) das Colecções de Arte: Colecção Pádua Ramos e Colecção Mário Soares.



Retrato de Mário Soares (Colecção Mário Soares)

Pelo número e qualidade dos visitantes que já afluíram e que continuam a afluir, pode afirmar-se que a escolha destas duas colecções foi feliz, pois se constata que, desde jovens estudantes, em grupos ou com os seus professores até pessoas das mais variadas posições sócio-culturais, o interesse continua.

Os mass media também têm referido o facto e ainda há dias vimos na Televisão imagens da Colecção Pádua Ramos



Pormenor da Colecção Pádua Ramos

integradas numa informação sobre acontecimentos artísticos cuja visita a TV recomenda.

Mais uma vez nos congratulamos com este êxito, e aqui deixamos algumas fotografias da exposição das duas Colecções, que na ocasião da anterior notícia nos não foi possível apresentar.

MARIA EMÍLIA CORTE REAL

AS DUAS JÚLIAS DE SALAZAR

No dia 5 de Setembro de 1928 no jornal "O Povo" e na secção "Ecos da Sociedade" veio a notícia seguinte:

Em Santa Comba Dão, efectuou-se ontem o casamento do sr. dr. Oliveira Salazar, ministro das Finanças, com uma irmã do sr. dr. Guilherme Moreira sub-secretário de Estado das Finanças. A cerimónia revestiu um carácter muito íntimo.

Era uma notícia de poucas linhas, de mera satisfação para a curiosidade das camadas de alta sociedade, nas quais Salazar só penetrara desde que era ministro.

A noiva Júlia Luiselo Alves Moreira, era na alta sociedade mais conhecida por

(Continua na pág. 8)

BANDEIRA AZUL

A nossa praia sempre foi distinguida com a bandeira azul. Este ano não sabemos por que carga de água, tal distinção não nos foi atribuída, o que nos parece bastante esquisito. Em relação ao ano passado, não vemos em que é que a praia tenha ficado pior. Quer a água, quer a areia mantêm-se na mesma.

O ano passado a vizinha Esposende, através da sua Câmara, barafustou que se fartou. Parece que valeu a pena, pois os responsáveis pela referida concessão este ano vergaram o joelho e atribuíram-lhe tal galardão. Com certeza a edilidade municipal vai fazer o mesmo com a praia de Fão, estamos certos. Ou comem todos ou...



BOLETIM INFORMATIVO

NR.009

JULHO DE 1996

O NOME DO PAVILHÃO

O Pavilhão Gimnodesportivo está em andamento nos últimos meses.

Dado que dentro de outros tantos meses ele ficará concluído, antes das próximas eleições autárquicas, esperamos, vimos ao encontro dos fangueiros sobre um tema que, por pertinente, nos merecerá toda a atenção.

Sabendo nós, como facilmente se poderá constatar, que as últimas coisas a ser baptizadas em Fão têm levado o respectivo cunho esposendense,

ESCOLA PROFISSIONAL DE ESPOSENDE

POUSADA FOZ DO CÁVADO

não quereremos, naturalmente, que este pavilhão seja baptizado com um nome semelhante aos acima enunciados.

Assim sendo, e porque nos parece tempo de pôr ou pensar pôr nome ao respectivo pavilhão, tomamos a liberdade de deixar com a população uma hipótese, que por justa, nos parecerá ter uma grande aceitação, sem prejuízo de serem lançados outros nomes que possam justificar esse mérito.

Referimo-nos ao nome de:

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO VALDEMAR COSTA

Julgamos nós, que este nome encerra todas as premissas para podermos homenagear esse que foi o exemplo do fangueiro e do desportista.

Aqui fica para amadurecer esta ideia junto de todos os fangueiros e daqui solicitamos às ex.mas autoridades da Vila de Fão que ponderem sobre este assunto, e não se deixem influenciar sobre os ditos cujos "esposendismos" que ultimamente têm tido lugar na nossa terra.

PONTOS NOS "III"

O Movimento Cívico Fangueiro, na sequência dos vários artigos relacionados com o "baile de benemerência" a favor dos Bombeiros

Voluntários de Fão, organizado por este Movimento e pela Cooperativa Cultural de Fão, realizado em 27 de Agosto de 1994, publicados neste jornal, o primeiro dos quais intitulado "O Baile da Vergonha" vem por este meio reafirmar que o conteúdo de tais artigos constituía uma mera opinião sobre os factos, não sendo intenção dos elementos que constituem o movimento cívico fangueiro, atingir a honra e consideração pessoal de quem quer que fosse, nem ofender quer a instituição dos Bombeiros Voluntários de Fão, quer os seus dirigentes (Direcção e Comando).

A COMISSÃO COORDENADORA DO MOVIMENTO CÍVICO FANGUEIRO

FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FANGUEIRA DA DEFESA DO AMBIENTE

Teve lugar no passado dia 5 de Julho, pelas 22 horas, no salão paroquial de Fão, a primeira reunião da Associação Fangueira de Defesa do Ambiente.

A Associação criou-se em Fão, como desde há muito desejado, por iniciativa de Tiago Francisco Morais Cubelo (aliás, estudante universitário do 4.º ano de Direito) e José Maria Machado do Vale.

É uma Associação verdadeiramente autonomista, sem fins lucrativos, e livre de quaisquer ligações partidárias.

O seu principal objectivo consiste na promoção e desenvolvimento de actividades que visem a protecção, a defesa e a perservação do meio ambiente litoral, desta nossa freguesia de Fão.

Portanto, convidam-se todas as pessoas interessadas a inscreverem-se como sócias da Associação, pois estamos em crer que muito se fará pela freguesia.

FORUM ESPOSENDENSE

O Forum Esposendense, com o patrocínio da Cires - Companhia Industrial de Resinas Sintéticas, S.A., promove uma conferência sobre resíduos sólidos urbanos, a decorrer no próximo dia 20 do corrente mês de Julho, pelas 21.00 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal de Esposende.

À Conferência, a cargo do conceituado especialista Dr. Carlos Silva Campos, suceder-se-á, esperamos, um debate.

Editorial

(Continuado da pág. 1)

mão na massa, aproveitamos para sugerir a certos moradores para que procedam à pintura e conserto das paredes e portas que se encontram em mau estado. É chocante passarmos numa rua e depararmos com portas desmanteladas mais próprias para cortelhos ou eidos de animais. Isto verifica-se em ruas de passagem obrigatória para quem entra em Fão.

Com pouco dinheiro - é uma questão de mentalidades - poderíamos fazer de Fão uma terra limpa, asseada e arranjada. E então, sim, a letra dava com a careta na canção de que tanto nos ufanamos.

Ó Fão antigo
Torraozinho sem igual
És o mais lindo
Cantinho de Portugal.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST

ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 80 91 018 - 80 83 748 - FAX 86 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 759 72 06

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

SUSPENSA A ORDEM DE DESPEJO À ESCOLA SECUNDÁRIA

O alerta lançado pela Associação de Pais da Escola Henrique Medina, sobre o acto de despejo "para que o espaço fosse liberto de pessoas e coisas", provocou muita apreensão ao Conselho Directivo, à população escolar do concelho de Esposende e aos encarregados de educação.

Com efeito, a execução da "ordem de despejo" estava aprazada para o princípio da tarde de 28 de Junho findo. Nada aconteceu pois, entretanto, por decisão do Tribunal Judicial de Esposende, entidade para onde veio devolvido o processo após o acórdão do Supremo Tribunal de Justiça a dar razão ao proprietário do terreno, António Rosas, inconformado pela forma como ocorreu a expropriação do seu terreno, em 1978.

Presentemente, dado que se passaram cerca de 20 anos, as verbas envolvidas rondam o milhão de contos.

O processo de construção do liceu de Esposende, agora Escola secundária, iniciou-se em 1976 quando foi solicitado à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Esposende, presidida pelo advogado Francisco Brás Marques, uma parcela de terreno para o efeito. Viria a ser escolhida a quinta do Rosas (assim designada), junto ao campo de futebol.

No mandato de Alexandre Losa, decorridas as primeiras eleições democráticas de 1977, a Câmara Municipal assume o projecto até que, devido à falta de acordo das verbas (cerca de dois mil contos) a Câmara Municipal decide-se pela expropriação do terreno e lança a obra de construção, 1.ª fase, no valor de 54.756 contos, em Junho de 1978.

Todavia, o proprietário do terreno, inconformado com o desfecho das negociações, interpõe recurso administrativo. Esgotadas estas vias, abre processo contra o Estado pela via judicial, em 1992, até que o Supremo Tribunal de Justiça, por acórdão de Março passado veio dar razão ao proprietário requerendo este, por isso, "que o espaço fosse liberto de pessoas e coisas".

A acção de despejo era iminente. As entidades envolvidas reuniram, entre elas a Câmara Municipal e a DREN (Direcção Regional de Educação Norte) afim de encontrarem a melhor solução e evitar a execução do acórdão. De facto, o Tribunal Judicial de Esposende decidiu suspender a acção, ponderadas as circunstâncias e na condição de se reabrir o processo negocial pois, "o Supremo Tribunal de Justiça considera, em 1981 que é um acto anulado", devido a incorrecção na expropriação. Foi levado em consideração as benfeitorias efectuadas pelo Estado no decorrer deste anos.

Por tais circunstâncias, a Escola Secundária Henrique Medina mantém a sua normal actividade, enquanto decorrerem as negociações.

Conforme nota vinda a público, a DREN no Porto assume o processo e as consequências, com o apoio da Câmara Municipal.

CORREIOS: ASSALTO À MÃO ARMADA LEVADO O APURO DO DIA

Ao princípio da tarde de 28 de Junho, dois indivíduos embuçados, com armas automáticas, levaram parte do dinheiro arrecadado no dia, de uma das gavetas do empregado de serviço no balcão.

O assalto, com a participação de dois jovens, intimidaram o pessoal com um disparo da pistola dentro do edifício, sem causar ferimentos ou estragos. Os desconhecidos levaram parte do apuro do dia da caixa do empregado na posição de cobranças, com a rapidez que caracteriza tais incidentes surpresa. O pessoal, dadas as

circunstâncias, não esboçaram quaisquer reacções de defesa.

Os autores retiraram em motos pesados, sem que se visse o rumo tomado.

A GNR do Posto de Esposende compareceu no local para recolha de elementos e futura identificação e captura.

Recordamos que a primeira estação de Correios, em Esposende, abriu ao público em 4 de Fevereiro de 1867 e, os serviços actuais funcionam em zona central e bastante movimentada da cidade, em edifício adquirido pelos CTT, inaugurado em 8 de Junho de 1984.

ROTAÇÃO DE TAREFAS NO CLUBE ROTÁRIO

A partir de 28 de Junho findo, início do ano rotário, Manuel Mariz Neiva, professor do Ensino Secundário, assumiu a presidência da direcção do Clube Rotário de Esposende, em substituição de Losa Capitão.

No Hotel Nélia decorreu a reunião festiva que assinalou a transmissão de tarefas do ano rotário. Depois dos actos de saudação às Bandeiras, do protocolo a cargo de Teixeira da Silva e lida a Secretaria, por Maria Angélica Miranda, o companheiro Losa Capitão fez a despedida formal, tendo elogiosas referências ao fundador do Rotaract, o companheiro Capitão Vale; leu depois a mensagem da companheira honraría Tia Lu que acompanhava o cheque de 60 contos, valor do prémio Fernando Areias; também, leu a carta do Governador Rotário Alcino Cardoso e lançou "recados" para o interior do clube, finalmente fez a entrega da Direcção ao companheiro Manuel Maria Neiva.

No momento próprio, o novo presidente apresentou alguns tópicos do seu programa e, actividades futuras, afirmou: "Penso criar factores de união e cimentar aquela unidade, aquela fraternidade, aquele bem estar que sempre conheci dentro deste Clube", com referências aos jovens e à futura ampliação do quadro social.

As intervenções seguintes, basearam-se no acto e nas actividades apresentadas pelo novo presidente da Direcção do Clube.

De assinalar, a presença de autoridades locais e as representações dos Clubes de Guimarães, Ponte da Barca, Barcelos, Póvoa de Varzim, Fafe e Esposende.

O lema, "Dar, antes de pensar em si", vai manter-se, enquanto o cometário final esteve a cargo de Martins Oliveira. O próximo presidente será o gerente bancário, António Rocha.

A MOEDA ÚNICA NA EUROPA PALESTRA DE DANIEL BESSA

A Direcção do Clube Rotário de Esposende, em 14 de Junho findo, levou a efeito uma palestra sobre "Portugal e a moeda única", da autoria do conhecido economista e anterior Ministro da Economia.

Figura de prestígio, o prof. Daniel Bessa foi brilhante no desenvolvimento do tema, reconhecendo que "não é fácil falar de moeda". Todavia, servindo-se de excelente exemplo (fabrico de sapatos e exportação), usando uma linguagem corrente e simples, deixou o auditório bem esclarecido, disse como tudo funciona em cada país e quem tem os poderes para decidir e quando se deve alterar o seu valor nos mercados internacionais.

Alertou, ainda, para as facilidades que teremos com a moeda única e do fenómeno inflação zero na economia de cada país europeu, da dispensa do Banco de Portugal e suas Agências, das limitações face à conjuntura financeira, da paridade da nossa moeda e que, "no caso da moeda única, dá a garantia de que

a taxa de juro não sobe, porque a inflação é zero". Como diria o professor, teremos uma vida "com pouco menos ilusão", isto é, produzir com menos custos para se ganhar algum e exemplificou: no futuro, "este jantar não vai custar dois contos, mas 20 marcos..."

Presentes, representações dos Clubes Rotários de Póvoa de Varzim, Barcelos, Viana do Castelo, Esposende, Lions Clube de Viana do Castelo, empresários, gerentes bancários, economistas, autarquia e entidades locais. Um bom serviço prestado à comunidade de Esposende, a finalizar o mandato de Losa Capitão.

FUTEBOL: RESOLVIDA A CRISE DIRECTIVA

Nas eleições efectuadas em Junho findo, a lista organizada para apresentação aos sócios na Assembleia Geral extraordinária, deu solução à crise directiva, na A. D. Esposende.

Dos resultados obtidos, António Deveza Sá Pereira foi eleito presidente da Assembleia Geral e, para o Conselho Fiscal, Joaquim da Silva Braga. Ambos são figuras bem conhecidas no meio, capazes de orientarem o clube para melhores dias.

Na direcção, conforme era de esperar, João de Carvalho, transita da Comissão Administrativa anterior, levando consigo mais doze sócios expedientes nestas difíceis andanças do futebol.

Vai sendo um hábito entre os desportistas locais, no final de cada época futebolística, defrontarem-se com os problemas de sucessão directiva. Nesta temporada, todavia, a crise foi de curta duração.

A Direcção, face aos resultados da eleição, ficou assim constituída: João de Carvalho, Manuel Miguel Silva, Francisco José Barros Marques, António Cruz, José Manuel Pereira, Adelino Martins, António Pereira, Joaquim Lachado, José Maria Pinto, José António Sousa, Valentim Cardoso, João Luís Barreira e João Garcia. A técnico da equipa, sobe Djair, já integrado e conhecedor do ambiente; Lemos Ferreira, a preparador físico.

COMENDADOR FILIPE BANDEIRA: FILANTROPO E ARTISTA



Comendador Filipe Bandeira

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

FESTA DE CRUZES

No número anterior deste mensário houve algumas gralhas que corrijo. Onde se lê: "opas róseas", leia-se "opas roxas". O concílio referido no texto foi o de TRENTO. A seguir a Filipe I (10) devia constar "Ao construir-se a actual Capela...". na nota (2) deve ler-se Matoso.

Quem tiver lido com atenção a nota (2) da crónica anterior deve ter reparado que a Igreja celebra a 3 de Maio a "Invenção da Santa Cruz", quando a descoberta da Cruz ocorreu a 14-9-320. Isso deve-se a uma troca das datas quando da fusão do calendário romano (Juliano) com o Galiciano (das Gálias ou França), no tempo do Imperador do Ocidente Carlos Magno, em 800.

O calendário Juliano foi decretado por Caio Júlio César 46 anos a. Cristo, reformulando o calendário de Numa Pompílio, rei de Roma, instituído em 700 a. de Cristo.

O ano com 365 dias, foi dividido em 12 meses, de 29, 30 e 31 dias e estruturado de forma que o dia um de cada mês coincidia com a Lua Nova (dia das calendas) e reposto o seu início a 1 de Janeiro, pois então começava a 1 de Março e terminava em Fevereiro.

Júlio César mandou que, de quatro em quatro anos, se acrescentasse um dia entre 24 e 25 de Fevereiro, que era um mês de 29 dias. Esse dia era o "BIS SEXTUS ANTE CALENDAS MARTII", isto é, o segundo sexto dia antes da Lua Nova de Março. O ano passou a ser designado bissexto.

No século VI da nossa era o monge Dionísio Exíguo propôs que os anos se contassem desde a revelação de Cristo e o Papa Gregório IV decretou a era cristã em 607, a contar do nascimento de Cristo. Foi introduzida em Portugal em 1422. até esta data Portugal regia-se pela era de César ou Hispânica (estamos no ano 2034 dessa era).

O ano fixado por Júlio César, baseado nos meses lunares e no movimento de translação da Terra à volta do Sol é um pouco mais longo que o ano tropical ou real; pois a Terra leva 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundo a percorrer a sua órbita.

A 24 de Fevereiro de 1582 o Papa Gregório XIII reformulou o calendário Juliano determinando que o dia 4 de Outubro desse ano passasse a ser 15 de Outubro (1) e se suprimisse os anos bissextos seculares, excepto quando divisíveis por 400. Criou ainda assim um pequeno erro, que dá mais um dia no futuro ano de 4906. Com esta reforma o Papa introduziu o calendário religioso, atribuindo a todos os dias do ano o seu santo ou festa móvel, mas não corrigiu a troca das festas da Santa Cruz.

A FESTA DA SANTA CRUZ EM FÃO, pelo menos nos séculos XVIII e XIX era celebrada a 2 e 3 de Maio com grande esplendor.

A 2 de Maio, 7 a 14 padres, conforme as possibilidades da Irmandade, celebravam o officio divino chamado "vésperas". Estes sacerdotes ouviam o povo em confissão nos dias 2 e 3 de Maio e tomavam parte na Missa cantada solene da festa. Havia mais uma missa cantada de um legado. Era proferido um sermão de manhã e

outro à tarde, durante a exposição do Santíssimo. tinha lugar uma procissão Eucarística e, em alguns anos, saía a Imagem do senhor.

O recinto junto à Capela era ornamentado com bandeiras e havia iluminação nocturna a 2 de Maio com "luminárias". Faziam uma fogueira e lançavam fogo de artifício caixas e gaiteiros percorriam as ruas de Fão. No exterior da Capela tocava uma banda de música. No templo as cerimónias eram acompanhadas por músicos.

Os mordomos de fora (Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Gandra, etc.) vinham trazer o dinheiro arrecadado durante o ano E A Irmandade oferecia-lhes um jantar.

Toda a festividade, como hoje, era precedida de uma novena.

Em 1802 esta festa foi enriquecida com um Jubileu por Breve de S. S. Pio VII e em 1804 obtiveram do Papa outro Breve para expôr o Santíssimo e o mesmo sair em procissão no dia da festa.

Atapetavam o percurso da procissão com espadanas.

Antes de existir Irmandade, esta festa era a principal obrigação dos mordomos.

Nos Livros de Contas e, por vezes, nos de Acórdãos existentes, vê-se que se realizaram sempre (1728 até hoje), com excepção do ano de 1910 (e talvez 1911), devido a conflito entre a Mesa e o Pároco e interdição do templo a todos os sacerdotes (2), decidida por Portaria de 20-2-1710, do Prelado só levantada por nova Portaria de 8-7-1911.

Em 1802 teve lugar em Maio e Setembro.

Em 1906, por razões económicas, a Mesa eliminou a parte externa.

Em 1907 e 1908 a festa teve lugar em Setembro.

PROCISSÕES COM A IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS - Através da Contabilidade e Livros de acórdãos, consegue-se detectar as seguintes procissões com a Imagem do senhor Bom Jesus;

TERRAMOTO DE 1755 - A 1 de Novembro de 1755, no reinado de D. Jorge I, um terrível terramoto destruiu toda a parte baixa de Lisboa, causando milhares de vítimas. Foi sentido em Fão, onde não causou vítimas nem ruínas, mas as notícias vindas de Lisboa devem ter aterrorizado a população.

Em 1756, sendo Juiz o reverendo Manuel Luís Pacheco, fizeram-se preces públicas implorando a protecção do Bom Jesus contra os terramotos. Da capela saiu importante procissão, com a Imagem. Foram pregados dois sermões, sendo oradores os reverendos Frei António de Mariz, que recebeu 1600 reis e Manuel Leite Mariz, que pregou graciosamente.

1776 - GRANDE SECA - Fizeram-se preces públicas implorando a chuva em Maio de 1776, pois a seca de 1775 punha em perigo as searas. Pregaram-se dois sermões e a Imagem saiu em procissão.

1791 - Procissão de penitência com a Imagem do Senhor. Não consta o motivo.

1804 - Nova procissão de penitência com a Imagem do Senhor.

(CONTINUA NO PRÓX. NÚMERO)

Cooperativa Cultural de Fão

Ao falarmos em Cooperativa vem-nos automaticamente à baila o nome do nosso amigo José Feliciano Duarte que foi o seu verdadeiro criador. Pois hoje, sábado, dia 6 de Julho, quem é que nos entrou pela porta dentro? Nada mais, nada menos que este gilmondense que tem estado a contas com grave depressão. O sr. Duarte tem estado internado no hospital de S. João, perdeu 20 e tal quilos, mas já está a recuperar.

Sente-se muito grato por os sócios da Cooperativa o terem eleito presidente honorário. Foi-lhe prestada justiça. Nada mais.

E agora, voltando à Cooperativa, vai ser feita uma exposição de fotografias de Fão antigo, isto no caso de ser cedida por empréstimo uma das salas do Salão Paroquial. É chegada a hora de o sr. Prior concretizar a sua simpatia pelas coisas de Fão. Em agosto, dia 9, vai realizar-se um jantar-convívio entre os associados e pensam os responsáveis levar à cena uma mini revista de Costumes.

Arranjos

Actualmente está a proceder-se ao arranjo da rua Azevedo Coutinho, a mais nobre artéria de Fão, depois de se terem beneficiado os largos e praças locais. Embora tais melhoramentos impeçam ou dificultem o estacionamento na vila, o que desbeneficia Fão (havemos de voltar a este assunto), em contra-partida contribuem para o embelezamento da terra. Digamos que é a outra face da questão.

A rua Azevedo Coutinho aparece sem dúvida melhorada embora mais estreita. Será que se estão a preparar as coisas para que se estabeleça o sentido único? Lamentam algumas pessoas, e com razão, que as obras só agora se tenham iniciado entrando pelo período de férias dentro.

A Capela de Santo António

Como está abandonada esta capelinha!... E o arranjo é simples. Basta alargar um pouco o caminho tanto de um lado como do outro. Cremos que os proprietários dos terrenos não se oporiam. O largo da capela também devia ser ampliado. Todos beneficiariam. E dava-se assim maior dignidade ao local.

Presépio

O já famoso Presépio ou a maquete Jerusalém - ano 33, dos já celebrados Irmão Matias, vai ser exposta na igreja Matriz de Fão, desde 2 de Agosto a 8 de Setembro. Já tem estado exposta em várias cidades do país o que tem creditado de êxito os seus autores.

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! O tormento de provas, exames, ansiedades, está a chegar ao fim! Oxalá que os resultados sejam bons para que saibam ainda melhor as merecidas férias! Boa sorte!

O FUTURO?!

Por MARTA MENDES (17 ANOS)

Entristeço-me ao pensar em todas as crianças que nascem agora, num mundo sem futuro. Que terão uma infância arruinada, sem as alegrias da liberdade em comunhão com a Natureza. Que sofrerão pelos erros cometidos pela ganância sem escrúpulos dos seus avós e dos seus pais.

Pais que, sobretudo, não têm a consciência de como a terra está doente, e que deixam correr as coisas, sem fazerem nada para melhorar a situação. talvez porque nem estejam bem conscientes da gravidade da situação.

Não se apercebem de como poderá ser um acto sádico o facto de pôr outra criança no mundo, sabendo como ele está.

O mundo está a morrer, e com ele a humanidade. Se não fizermos nada para o evitar, como teremos nós coragem de encarar os nossos filhos e dizermos que somos os responsáveis pela sua morte? Porque nós estragámos o seu ambiente!

E mais duro que é para eles nascer sem esperanças de ser feliz, é o facto de vermos sofrer e morrer aqueles que amamos por causa da negligência dos nossos actos. E encarar a realidade da nossa impotência face ao controlo do que fizemos.

PAUSA PARA SORRIR

Um menino, na cama, de manhã, recusa-se a levantar-se. A mãe insiste:

– Vamos, Zézinho, toca a levantar, são horas de ires para a Escola.

– Não posso, mamã, não me sinto bem – lamuria o pequenito.

A mãe, aflita, pergunta:

– Mas que é que tens? Que te dói? Porque é que não te sentes bem?

Responde o menino, com um sorriso maroto:

– Não me sinto bem é na Escola, mamã; gosto mais de ficar a brincar!...

Um rapaz rouba umas peças de fruta, a vendedeira grita, aparece um polícia que prende o rapaz.

A caminho da esquadra, o rapaz tenta uma espreteza: atira o boné para longe, e fingindo uma grande aflição lamenta-se:

– Ai, senhor guarda, lá se vai com o vento o meu boné novo que ainda ontem o meu pai me deu! Ele vai ficar tão triste, coitadinhol! Senhor guarda, deixe-me ir numa corrida buscá-lo, que eu volto já!

O guarda pensa e depois diz:

– Não, não, que tu era capaz de não voltar. Fica aqui quietinho que eu vou a correr buscá-lo...

SANGUE LUSITANO

*São estranhas e fascinantes
As pessoas que habitam
Esta minha Lusitânia,
Estas personagens
Que habitam neste cenário,
Neste meu eterno Portugal!
Este sangue que corre
Nestas mágicas veias
É humilde mas orgulhoso
Neste povo de Portugal!
Estas tão belas e puras pessoas,
Deste tropical local
Estão já adaptadas a tanto frio,
Tanto calor...,
A tanta maldade vinda do exterior!
Maravilham-se eternamente
Com este magnífico teatro
Que é Portugal,
E como ele não há igual!!!*

FILIPA MAGALHÃES

(17 anos)

BRINCADEIRA

*O esquilo diz ao coelho
a quem faz muitas partidas:
– Você já se viu ao espelho?
Mas que orelhas tão compridas!*

*– Amanhã, vindo da escola,
eu trago-lhe uma cartola.*

*Meu caro, muito obrigado,
responde o outro, eu não digo,
pois sou coelho educado,
o que penso do amigo...
mas se dissesse, diria:
um rabo assim enrolado
é francamente mania!*

*– Eu vou gastar dez tostões
para lhe dar uns calções.*

*Pôs-se o coelho a pular
riu o esquilo às gargalhadas
e lá foram passear
como dois bons camaradas.*

SIDÓNIO MURALHA

in "Voa, Pássaro, Voa"



Desenho de JOANA SÍLVIA (7 anos)

DE ESPOSENDE

(Continuado da pág. 3)

O Museu Municipal de Esposende, através de exposição bibliográfica vai homenagear o comendador Filipe José Bandeira, o filantropo e o artista portuense cinzelador de metais nobres, com raízes sentimentais profundas e ligado a Esposende pelo matrimónio.

Figura bem conhecida pela arte de cinzelador e de trabalhos de ourivesaria, dedicou-se a obras de apoio e de benemerência, com maior incidência nas associações de Bombeiros Voluntários, em especial, Esposende e Barcelinhos (Barcelos).

O comendador Filipe Bandeira fazia parte do Grupo de Honra Portuense que, "desde a fundação dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos se devotaram de corpo e alma pela nossa Corporação, acompanhando o seu progresso e os seus problemas, com dotes oratórios, anualmente, na festa de aniversário", lê-se no publicado em Barcelos nas comemorações do cinquentenário dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos.

Desde longa data e até ao seu falecimento, Filipe Bandeira teve especial dedicação pelos Bombeiros Voluntários de Esposende, tendo-lhes oferecido a taça de honra (desaparecida do património); ofereceu, também, duas medalhas artísticas para galardoar Manuel Rodrigues Vilarinho e Ricardo Espírito Santo, na festa de 19 de Março de 1931 e, ainda, o Estandarte da Corporação, em 19 de Março de 1945. Consta no seu currículo, trabalhos artísticos em medalhas e condecorações, o Sacrário da Igreja dos Remédios, em Lamego e o Relicário de D. João I e 270 peças constituídas por brasões de Municípios. Recebeu a medalha de ouro de Mérito Municipal, em Esposende, em 1931.

A exposição, montada na Sala dos Azulejos, termina em 30 de Agosto. Merece uma visita.

ENTRE NÓS

- Vindas do Brasil encontram-se em Fão as nossas conterrâneas Benilde Ferreira e marido, Aurora Gaifém e Tereza Morgado. A Tereza fez connosco a 4.ª classe. Teremos muito prazer em dar-lhe um apertado abraço. Já não a vemos há algumas dezenas de anos.

- De visita à sua terra natal, encontra-se entre nós o nosso conterrâneo Quintino Pedrosa Viana que veio acompanhado de sua filha Engrácia Reis e marido.

Boa estada para todos é o que desejamos.

DO ESTADO DAS NOSSAS RUAS

• A Avenida António Veiga está ou antes, estava a sofrer uma ampla remodelação, mas de repente as obras pararam ficando aquela artéria esburacada precisamente numa altura em que a praia começa a ser mais frequentada. Que se passa?

• Muita gente se interroga sobre o motivo por que não se constrói a rampa das Rodas.

• Outra tanta gente pergunta ou quer saber o motivo por que na rua das Pedreiras não se rapam as ervas. Como está aquilo não é nada edificante.

FALECIMENTOS

• Acometida por um ataque cardíaco fulminante, faleceu a nossa conterrânea Aida Mariz da Venda. Tínhamos uma particular estima por esta senhora que nos ajudou em pequeno a familiarizar-nos com as primeiras letras. Foi já no distante tempo de escola primária. Nas Pedreiras e em sua casa a Aidinha (era assim que a tratávamos) ajudava os escolares da rua a não esquecerem durante as férias grandes o que tinham aprendido na escola. Lembra-nos que tinha uma paciência infinita para nos ensinar, nunca ralhava, e sempre revestida dos melhores modos, lá nos ia auxiliando naquilo em que tínhamos mais necessidade.

Nós acorriamos com gosto à sua casa, sentávamo-nos todos ao longo de uma mesa comprida e sem medos e bem dispostos ouvíamos os seus ensinamentos.

Era muito nossa amiga e nós retribuimos-lhe essa amizade pela vida fora.

É com grande mágoa que registamos o seu óbito.

• No dia 21 de Junho faleceu na cidade do Porto o nosso prezado assinante Sebastião Martins Moutinho Júnior. Era um dos nossos banhistas que até possuía uma casa no Pinhal. Nos últimos tempos era mais assíduo em Caminha, se bem que ainda passava em Fão algumas horas para cumprimentar as pessoas amigas. A sua morte também ocorreu de repente.

• Também faleceu em Fão o nosso conterrâneo Francisco José de Carvalho. Há já bastantes anos que se encontrava reformado. Foi a enterrar no cemitério de Fão.

• No obituário fangeiro temos a registar igualmente a morte de Augusta Faria. A sr.ª Augusta percorria as freguesias do concelho, vendia peixe e trazia na gamela produtos hortícolas que depois vendia em Fão. Em nossa casa era quase uma visita certa aos domingos. Já, com uma certa idade, sobrava-lhe sempre educação e bons modos.

• No dia 5 de Julho faleceu na sua casa de Fão a nossa conterrânea Maria Augusta Leal Ferreira (Augustinha Cónega) de 82 anos. Era viúva do Adolfo Cerguilha.

Que estes nossos mortos descansem em paz. Aos seus familiares apresentamos sentidos pêsames.

AGRADECIMENTO

A família de Francisco José de Carvalho, recentemente falecido, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pela falecimento do seu ente querido.

SUBLIME DOAÇÃO

*Dar seu coração aos outros,
Como a Primavera, à flor,
Que prodigamente a aquece
Numa promessa de amor.*

*Dar o seu calor aos outros,
Qual sol que desfaz a neve,
E assim derretam friezas
E o mal se torne mais leve.*

*Dar a sua fé aos outros,
Qual facho na escuridão,
Para jamais haver trevas
No inquieto coração.*

*Dar o seu carinho aos outros,
Em orvalhos sobre a terra,
Para que brotem afectos
Que possam pôr fim à guerra.*

*Dar sua alegria aos outros,
Qual foguete em romarias...
Para não haver tristezas,
Angústias, noites sombrias.*

*Dar as suas mãos aos outros
Em orações de ternura,
É a doação mais bela
Da alma, cheia de alvura.*

DOENTES

• Por ter sofrido acidente vascular cerebral foi internado no Hospital de Barcelos a nossa conterrânea e boa amiga Elvira Cubelo Morais (Vira Cubelo). A doença evoluiu para melhor e a Virinha já se encontra no hospital de Fão.

Fazemos votos por um rápido restabelecimento.

• No hospital de S. João, Porto, foi operado à vista o nosso bom amigo dr. José Vinha Novais. Desejamos que faça uma recuperação a 100%.



ENTREVISTA COM O EX-LIDER DO FUTEBOL

O BAIRRISMO FANGUEIRO FOI CHÃO QUE DEU UVAS

O mês de Agosto tem sido sempre um mês de agústia para os responsáveis do futebol em Fão, nomeadamente para os elementos da Assembleia. Ao fim e ao cabo, acabam eles por ficar com a criança nos braços. Contudo de há dois anos a esta parte as coisas não foram bem assim. Apareceu Alberto Carlos que directamente e também indirectamente aguentou o barco. Dizemos, "indirectamente" porque no segundo ano houve um aparente endosso para um seu filho, mas ao fim e ao cabo quem esteve na roda do leme foi sempre aquele empresário. **Porquê esta entrada no futebol?**

— Há aqui um factor familiar a ter em conta: o meu pai esteve no futebol 12 anos. Por outro lado tenho verificado que uma das lacunas sociais que se verificam na nossa terra é o abandono a que estão sujeitas as crianças. Daí o nosso cuidado em criar equipas de adolescentes nomeadamente iniciados e juvenis. É verdade que o grupo de canoagem vai ocupando os lazeres de alguma juventude, mas em meu entender o futebol goza de maior popularidade. Assim inscrevemos cerca de 70 jovens nas duas modalidades cima referidas.

— E Fão aguenta, financeiramente já se vê, tantas equipas?

— De facto a existência de várias equipas de futebol, e até de uma só é algo de problemático pois, como se sabe, a nossa vila é pequena. Há muitas carências pois há pouca indústria e pequeno comércio e são sempre muitas entidades a pedir às mesmas pessoas.

— No entanto, e em aparente contradição com o estado da freguesia, vocês nunca fizeram qualquer peditório de porta em porta.

— Isso é verdade. Nós não fizemos um peditório generalizado. Sabe, em Fão pede-se muito para o salão, para a igreja, para três ou quatro festas anuais, para tudo, enfim, e foi por isso que nós nunca fizemos peditório de porta em porta.

— De quem recebeu mais ajudas: de dentro ou de fora?

— Não podemos negar que em Fão há sempre uma meia dúzia de pessoas que dão a sua contribuição, mas as grandes ajudas, forçoso é dizê-lo, vieram de fora. No entanto não se pode esquecer o contributo prestado pelo Paxá e pela Tím Cávado que nos tem ajudado muito.

— Apesar do seu entusiasmo, não me parece que esteja com vontade de continuar. aliás já o tem afirmado. Até parece que cumpriu uma obrigação e agora...

— Sabe, foram dois anos em que nos demos demais ao futebol. Lembramos que tínhamos três equipas a funcionar e isso cansa. Depois metemo-nos em vários trabalhos: alargámos a sede, comprámos dois bilhares, algumas máquinas de diversão, instalámos uma parabólica, adquirimos uma máquina registadora, melhorámos a canalização de água no campo e tudo isto custou dinheiro e por isso deu muito trabalho. Sentimo-nos cansados. Não queremos esquecer que a despesa atingiu este ano sete mil contos.

— Que ajudas tiveram?

— A Câmara ajudou-nos com 1060 contos. O bar rendeu-nos à volta de 1300 contos e depois

tivemos a publicidade de algumas firmas amigas.

— **Que diacho! Com tanta dedicação demonstrada, vão abandonar o futebol?**

— Nós estamos cansados e chocados ao mesmo tempo. Se há pessoas que admiram e louvam, outras levantaram fortes suspeitas ao nosso trabalho ao ponto de pensarem que eu levei daqui (sede) cerveja para o meu bar; pensavam às vezes em voz alta que esta Direcção cometeu roubos, enfim tentaram denegrir-nos moralmente. Nós exigimos mais respeito pelo nosso trabalho.

— **E agora vai tudo por água abaixo?**

— Nós vamos embora mas eu continuarei a ajudar o c. F. de Fão. Continuarei a pedir aos meus amigos publicidade e mais dinheiro.

— **Resumindo: acha que Fão tem capacidade para aguentar uma equipa na divisão que está?**

— Eu acho que a Direcção que vier, se mantiver os pés assentes no chão e trabalhar, o futebol aguentar-se-á na divisão em que está. A

capacidade económica depende do esforço das pessoas que estiverem à frente. Esse esforço, frizamos é importante pois é absolutamente necessário. O baixo número de sócios que há, as reduzidas cotas que pagam e a pouca assistência aos jogos são situações negativas que só podem ser ultrapassadas com muito trabalho.

— **Já citou todas as ajudas oficiais que recebem?**

— Com certeza quer que fale da Junta. Posso dizer-lhe que até ao momento não nos ajudou com um tostão sequer. e no entanto esta entidade devia ajudar-nos por três motivos: 1.º o C. F. de Fão é a entidade associativa mais antiga de Fão; 2.º é a entidade que mais praticantes possui nas suas estruturas; 3.º é a colectividade que mais divulga o nome de Fão.

— **No fundo há bairrismo cá na terra?**

— Em algumas coisas Fão ainda é bairrista. Mas só em algumas coisas. Aquele famoso bairrismo fangueiro creio que está ultrapassado.



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

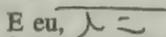
AVISO

TITO ALFREDO EVANGELISTA E SÁ, LICENCIADO EM DIREITO E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que, de harmonia com a deliberação do Executivo Municipal de 13 do corrente, e no uso da competência que lhe é atribuída pelo art.º 53.º, n.º 1. alínea h) do Decreto-Lei n.º 100/84, de 29 de Março, com a redacção que lhe foi introduzida pela Lei n.º 18/91, nos termos e para os efeitos previstos no art.º 62.º do Plano Director Municipal de Esposende, aprovado pela Assembleia Municipal de Esposende em 2 de Novembro de 1993 e ratificado em Conselho de Ministros em 7 de abril de 1994, em conjugação com o art.º 14.º do decreto-Lei n.º 69/90, de 2 de Março e com o artigo 68.º-A do decreto-Lei n.º 448/91, de 29 de Novembro, introduzido pelo decreto-Lei n.º 334/95, de 28 de dezembro, e em conformidade com o art.º 118.º do Código do Procedimento Administrativo, foi enviado para publicação na II Série do Diário da República, a fim de ser submetido a APRECIÇÃO PÚBLICA PELO PERÍODO DE TRINTA DIAS, a contar da referida publicação, o projecto de REGULAMENTO SUPLEMENTAR DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DO CONCELHO DE ESPOSENDE.

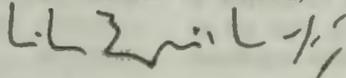
Para o efeito se encontra afixado na secção central, da divisão de administração e Finanças, cópia do referido projecto, podendo os interessados, nos termos da citada disposição do Código do procedimento administrativo, dirigir por escrito as suas sugestões ao presidente da Câmara Municipal, dentro daquele prazo legal.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente aviso e outros de igual teor, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

E eu, , Chefe da divisão de administração e Finanças, o redigi e subscrevi.

Esposende e Paços do Município, 25 de Junho de 1996.

O Presidente da Câmara,



(Tito Alfredo Evangelista e Sá, Dr.)

AS DUAS JÚLIAS DE SALAZAR

(Continuado da pág. 1)

Luiselo, uma senhora loura, jovial, brincalhona, muito bem instruída e muito extrovertida para aquela época.

Para o círculo mais próximo de Salazar, só terá surpreendido pela reservada extrema, sobretudo tratando-se da efusiva Júlia Luiselo.

Mas tendo em conta o feito reservado do noivo, não terão sentido demasiado, não terem sido considerados parte do círculo íntimo de António.

Por isso ignorando onde o jovem casal teria fixado residência, acharam por bem enviar as mensagens com votos de felicidades e as prendas para casa da família da noiva os "Alves Moreira" em Coimbra.

Também ali, não houve desmentido público. Apenas se devolveram as prendas e esclareceu-se que não haviam casado. Foi um namoro que durou 12 anos. E quando o amigo cardeal Cerejeira o advertia do seu enleio amoroso, Salazar respondia: tu que queres? Eu não sou santo; ela é que me provoca. A maior parte do povo português ignora que no tempo da mocidade, Salazar tinha fama de pinga-amor. Júlia por seu lado, tão pretendida e um dos espíritos mais brilhantes da sua época, ficou solteira. Resta saber se por influência das circunstâncias, se por decisão própria.

Alguns dados dão força a esta segunda opção. Júlia era invulgarmente culta para a sociedade do seu tempo.

Soube aceitar a derrota com naturalidade, sem azedume.

Mas antes desta Júlia atrás descrita houve outra Júlia Perestrelo, explicanda do jovem diplomado Salazar, a quem o professor pediu um dia que lhe fizesse uma dissertação "sobre o Amor".

O devaneio com esta Júlia está devidamente documentado por Franco Nogueira na sua biografia sobre Salazar. Historiadores amigos e conterrâneos, dão sempre como primeira resposta que o caso de Júlia Perestrelo era conhecido; não houvera casamento porque a mãe de Júlia a isso se opusera energeticamente.

Os Perestrelo eram uma espécie de morgados do Vimeiro. "Terra natal de Salazar" e foram seus padrinhos de baptismo. No entanto, apesar de se prontificarem a ser seus padrinhos, não estiveram presentes no acto celebrado pelo cura António Nunes de Sousa, fazendo-se representar por Francisco Alves e Luísa Piedade, casados, sendo ele carpinteiro e ela doméstica. Naturalmente empregados da poderosa família Perestrelo.

Só mais tarde, quando o afilhado se revelou intelectualmente dotado e António Oliveira, pai de Salazar, é nomeado feitor das propriedades da família Perestrelo, é que a madrinha o reconheceu. Pois até ali simplesmente era ignorado pela orgulhosa família Perestrelo.

Esse facto não passou despercebido ao

afilhado que sempre considerou Francisco Alves "o carpinteiro" o seu verdadeiro padrinho.

Quando Salazar vai para Coimbra cursar Direito, a madrinha Perestrelo, quer que ele se aloje em sua casa, mas o jovem estudante, prefere um humilde quarto de sacada na Rua dos Grilos.

Só aceita ser visita da casa, e aí comer as refeições diárias quando a madrinha lhe propõe ficar explicador dos filhos. É aqui que se encontra Júlia Perestrelo. Salazar apaixonou-se pela explicanda, o que não surpreende os amigos, pois nesse tempo era conhecida a sua inclinação temperamental de se apaixonar com facilidade.

Essa faceta só ressurgirá com o estudo de Franco Nogueira, pois os biógrafos do regime iludiram essa tendência sentimental, substituindo-a pela dum asceta monástico inteiramente dedicado a "bem da nação" como aconselhava Gonçalves Cerejeira.

Os amores de Salazar por Júlia acabaram por chegar ao conhecimento da orgulhosa madrinha, que tem uma reacção "altiva de morgada".

Chamou-o e disse-lhe seca e altiva:

— Sr. doutor, lembre-se que é filho do meu feitor: nem tão alto subir, nem tão baixo descer.

Salazar, sai de casa dos Perestrelo humilhado; mas a sua submissão às hierarquias e o respeito pela autoridade levam-no a acatar a ordem da orgulhosa madrinha. Deixa de se encontrar com a sua querida Júlia Perestrelo sofrendo silenciosamente a sua paixão.

E daí por diante evita a madrinha, sobretudo quando esta de passagem pelo Vimeiro, visita Maria do Resgate, mãe de Salazar e mulher do caseiro, que quase sempre se encontrava de cama doente.

É assim a vida. Da orgulhosa e poderosa família poucos ouviram falar. Enquanto que o filho do caseiro foi uma figura conhecida e prestigiada no seu tempo, quer no país, quer internacionalmente.

Nasceu pobre, morreu pobre. Governou bem? Governou mal? Não é isso que está em causa.

O certo é que o filho do caseiro esteve muitos anos à frente dos destinos de uma Nação.

E os Perestrelas? Quase que são uns desconhecidos a não ser por este episódio da vida de Salazar.

MARIA ROSÁLIA

PENSAMENTO...

SÓ passarei por este mundo uma vez. Assim, todas as boas acções que possa praticar, e todas as gentilezas que possa dispensar a qualquer ser humano, deve aproveitar este momento, para fazê-lo.

Não devo avalí-las, nem esquecer-me delas, pois não voltarei a passar por este caminho, nem a viver outra vez este momento.

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

RECOLHA DE LIXO

A Câmara Municipal de Esposende acaba de adquirir os terrenos necessários à execução da 1.ª fase da Zona Industrial de Esposende, sita na Freguesia de Gandra.

A execução da obra da 1.ª fase vai ser lançada de imediato.

A Câmara considera esta obra essencial ao desenvolvimento sócio-económico do concelho, na medida em que vai permitir a diversificação das suas actividades económicas, possibilitando, também, a criação de emprego e a fixação de quadros.

No entender do Município, o progresso concelhio passa inevitavelmente pela diversificação económica e pela atracção de empresas não-poluentes para a Zona Industrial, tendo em atenção que Esposende necessita de outras pontes de criação de riqueza, para além das actividades tradicionais e da captação de residentes com segunda habitação.

A concretização da aquisição dos terrenos para a Zona Industrial enche assim de satisfação a autarquia, não só pelas perspectivas de investimentos no concelho que proporciona, mas também pelas dificuldades que resultavam das características cadastrais existentes na zona.

A Câmara vai agora proceder à infra-estruturação dos terrenos, de modo a que, um total de 27 seja disponibilizado aos investidores interessados.

Na construção da Zona Industrial, a Câmara investirá uma verba de 500 mil contos, um investimento que — acredita — representa uma viragem na vida económica municipal.

ARRANJO EXTERIOR DA PISCINA MUNICIPAL

Em termos de melhoramentos para o concelho, o município adjudicou, ainda, a obra do arranjo exterior do Parque de Estacionamento da Piscina Municipal, empreitada a realizar no prazo de dois meses e por 8.976 contos, mais IVA, pela firma Boaventura & Boaventura, Lda.

Adjudicou, por último, a obra de beneficiação da Antiga Escola Preparatória, a executar por 7.286 contos mais IVA por Francisco Ribeiro.

No início da reunião foi ainda apreciado o pedido de renúncia do mandato do vereador do CDS/PP dr. Francisco Cubelo Soares.

CAMINHADA

Apesar dos espinhos,
da lama dos caminhos,
Das noites sem luar...
Não fiques a cismar,
nem desanimes nessa caminhada...

Repara que também,
aqui e além,
Nas velas da estrada,
Há sorrisos de flores,
Há alados cantores;
E a luz do Sol, defronte,
Indica-te a chegada,
Ao fundo, no cromático horizonte.

DINIS DE VILARELHO

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A CULTURA DO DIOSPIRO

(Continuado do número anterior)

3.4.2 – PROPAGAÇÃO POR TALO E REBENTO DE RAIZ

O porta-enxerto *D. lotus* é caracterizado por possuir um aparelho radicular superficial e extenso, do qual saem por vezes rebentos aéreos. Estes podem ser colhidos e transplantados durante o inverno.

A técnica da propagação por talos de raiz consiste em colocar em viveiro pedaços de raízes com cerca de 1 cm de diâmetro dispostos na vertical, com a ponta superior cortada em bisel para evitar a estagnação de água.

Este método é muito útil para substituir as falhas havidas na plantação do pomar, permitindo obter plantas possíveis de enxertar um ano depois.

3.4.3 – MICROPROPAGAÇÃO

Este tipo de propagação é baseado na multiplicação por cultura *in vitro* de tecidos vegetais colhidos sobre exemplares pré-seleccionados.

A cultura *in vitro* passa por fases laboratoriais de asepsia completa, estimulação da embriogénese (para formar um grande

número de plantas), e formação de raízes e aclimação ao ambiente exterior ao laboratório.

Esta técnica permite obter um grande número de exemplares muito homogéneos, num pequeno espaço físico.

3.5 – ENXERTIA

Procede-se à enxertia no final do repouso ou no início da estação vegetativa, i.e. nos meses de Fevereiro, Março e início de Abril.

Os enxertos devem ser colhidos durante o Inverno, a partir de bons exemplares de plantas sãs e bem lenhificadas, e conservados em local fresco e seco.

A enxertia é aérea, efectuada à altura de 15 a 20 cm acima da superfície do terreno.

Diversos métodos de colocação do enxerto sobre o porta-enxerto são possíveis, desde o enxerto colocado por corte sobre a secção seguido de inserção vertical do garfo até à enxertia por gomo colocado de chapa sobre uma superfície de madeira descascada.

Após a enxertia, durante a estação vegetativa são necessários os normais cuidados do trabalho do solo, o retirar da ligadura que poderia estrangular a planta, e eliminar os rebentos directos do porta-enxerto.

3.7 – A PLANTAÇÃO

3.7.1 – PREPARAÇÃO DO TERRENO

Não é demasiado referir que a preparação do terreno escolhido para receber uma plantação que se pretende venha a permanecer com grande longevidade deve ser muito bem cuidada, sobretudo procurando eliminar pontos de acumulação de água e assegurar uma boa drenagem da globalidade da parcela.

A profundidade de trabalho deverá atingir os 70 a 90 cm nos terrenos em que possam existir calos e zonas compactas nas camadas inferiores.

Todas as operações devem visar condições óptimas de arejamento do solo, melhoria da estrutura física, activação das reacções biológicas e melhoria da capacidade em reservas hídricas e nutritivas.

Deve proceder-se à correcção da reacção química do solo bem como em elementos nutritivos, uma vez analisadas as terras.

3.7.2 – COMPASSO DE PLANTAÇÃO

As formas do compasso de plantação podem ser variadas e escolhidas consoante o desejo do agricultor e o formato da parcela, mas sabendo que o fundamental será atingir

uma boa iluminação das plantas e a facilidade de realização das operações mecânicas.

Os compassos podem ser em quadrado, em rectângulo, em quincôncio, em linha, em linha apertada, sendo comum não reduzir as distâncias entre plantas para valores inferiores a 5 ou 6 metros.

Estas distâncias podem parecer demasiado largas mas há que considerar que o factor iluminação é fundamental para conseguir uma uniformidade de produção e de calibres dos frutos.

Um compasso de plantação conseguido com muito bons resultados no sul de Itália consiste na implantação das jovens árvores à distância de 3x5 metros, procedendo ao corte alternado das árvores em fila ficando posteriormente ao compasso de 6x5 metros, quando o ensombramento afecta o desenvolvimento mútuo.

3.8 – FORMAS DE CONDUÇÃO DA PLANTAÇÃO

No estado natural sem qualquer intervenção de orientação das árvores, estas tomariam a forma piramidal nos primeiros anos para por fim atingir um formato de grande globo.

Ocorre realizar uma poda de formação das árvores porque estas têm fraca tendência natural para emitir ramos laterais, e estes, quando espontâneos em geral não são utilizáveis para a constituição de uma boa forma de condução.

Podem conduzir-se as árvores através de podas adequadas a formações diversas, sendo as mais comuns a forma em “vaso”, em “pirâmide”, ou em “palmeta”.

A poda em forma de “vaso livre” é conduzida desde 1,3 metros de altura tendo o cuidado de orientar a árvore durante três anos após a plantação. Com este formato a árvore terá tendência para formar os frutos do lado exterior do “vaso”, atingindo produções que poderão atingir 50 a 100 kg (por árvore) entre o 5.º ao 10.º ano, e ultrapassar os 300 kg ao 15.º ano.

A poda em pirâmide tem a preocupação em deixar um eixo central bem guarnecido de pernas cujo ângulo com o tronco central diminui passando da horizontal nas pernas inferiores a quase vertical no topo da árvore. As intervenções consistem em cortar a vara mais central a 70 cm de altura acima da sua inserção, e orientar as pernas para a horizontal suprimindo-lhe os raminhos mais erectos. Este sistema pode conduzir a árvores com mais de 10 metros de altura.

(Continua no próximo número)

DE APÚLIA

CASA DO POVO DE APÚLIA

– **NOVAMENTE A DIGNIDADE** – Desde a sua fundação até à década de 80, a Casa do Povo de Apúlia era o coração e a cabeça da terra.

A vida da freguesia, toda ela, pode dizer-se, girava à sua volta.

Ali programava-se e projectava-se a política local, as obras e as festas, a cultura e o desporto. Ali nasceram e viveram o Grupo Folclórico, o Grupo Desportivo (o anterior ao que agora existe) e o Grupo Cénico. Também ali funcionavam os Serviços Administrativos da Junta de Freguesia, da Regedoria, do Registo Civil, dos Correios e do Posto Médico.

Havia ali vida física, vida cultural e recreativa, e vida social. ali se representaram centenas de peças de teatro, dramáticas, musicais e revisteiras.

Os primeiros rádios e televisores a aparecer em Apúlia, em locais públicos, foram na sede da casa do povo, que também possuía projector de cinema e máquina de dispositivos.

Na sua sede existia uma razoável biblioteca, e alguns jornais diários, casos do "Comércio do Porto", "A Voz", e o "Correio do Minho".

Mas, no aspecto social também a sua acção foi importantíssima para as populações da sua área. Ali se processavam e pagavam, subsídios diferidos, desde o de casamento ao de funeral, de nascimento, de aleitação e abono de família, e ainda pensões de reforma de invalidez e velhice. Chegou a manter em simultâneo, ao serviço dos seus associados, 3 médicos de clínica geral, e 2 enfermeiros.

Esvaziada de competências, uma após outra, tudo se foi perdendo. Acabou a Regedoria, a Junta de Freguesia e os Correios mudaram-se para edifícios próprios, o Teatro e o Cinema

foram sendo substituídos pela televisão e pelos cafés, a Segurança Social foi transferida para Esposende, e o Posto de Saúde também tomou runo próprio, como já havia acontecido com o Futebol, e iria ainda acontecer com o Grupo Folclórico.

Sem utilidade visível, a sua sede deixou de ter qualquer vida, foi apodrecendo, com a água das chuvas a infiltrar-se pelos telhados, pelas portas e pelas janelas. Ninguém podia ou queria valer-lhe, e a sua degradação chegou a ser chocante.

Mas aconteceu aquele "abanão", quando a Junta de Freguesia, ante aquele abandono, pretendeu chamar a si a propriedade da sua sede.

As pessoas tinham de acordar, e acordaram. Depois aconteceu o que toda a gente já sabe. Os dirigentes, que ainda o eram, embora o seu mandato já tivesse terminado, com a ajuda precisa da senhora professora D. Laurentina Torres, filha do seu fundador, meteram mãos à obra, e dali saiu obra que se veja. As incompreensões, a má vontade, e até uma certa guerrinha, não chegaram para abalar a coragem e a determinação de quem sabia estar a bater-se por uma causa nobre, por uma causa justa, por uma causa necessária.

A Casa do povo aí está, renascida no aspecto físico, muito bonita.

Faltarão agora dar-lhe vida nas áreas social, recreativa e cultural, para o que já foi dado o grande passo – eleição dos seus corpos gerentes, que se realizou no dia de S. João, com música gravada, e as imprescindíveis sardinhas assadas, a boroa, o vinho e o caldo verde. E tudo de borla.

Para presidir aos Três Órgãos Sociais da Casa do Povo, foram eleitos os senhores: Manuel Alves de Oliveira, Assembleia Geral; Fernando da

Lage Azevedo, Direcção; e Manuel Carreira de Azevedo, Conselho Fiscal.

AMÂNDIO TORRES – Radicado no Brasil há anos, concretamente na cidade de S. Paulo, onde tem a sua vida comercial organizada, o Amândio Torres (Amândio do Monte Dias) é um daqueles emigrantes de luxo, que foge do Inverno do Brasil para o nosso Verão, e do nossos Inverno para o Verão Brasileiro. E já anda "nesta vida" há uma boa dezena de anos. Companhia inseparável, a sua esposa, D. América Inácio Dias, também faz todos os anos este "tour" de prazer e de saudade.

O amigo Amândio Torres, já cá está desde há dias, a tempo de festejar aqui o aniversário natalício (02/07) de sua esposa.

ULISSES RIBEIRO – Também cá está, acompanhado da esposa, D. Nadir Inácio Ribeiro, este amigo de longa data. Radicado também no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, há mais de 30 anos, o Ulisses de Oliveira Ribeiro, é a segunda vez que vem passar férias entre nós.

Aos dois casais amigos, que também são parentes entre si (basta reparar nos nomes das esposas) desejamos uma boa estadia entre nós.

ALBERTO DO MONTE MARTINS – Vindo ainda do Brasil onde tem a sua vida comercial organizada (S. Paulo), também se encontra entre nós, este jovem amigo, acompanhado da esposa e do filho.

DO CANADÁ – A passar cá as férias deste Verão, estão os nossos conterrâneos, Manuel e João Miranda da Silva, emigrantes no Canadá. Estão acompanhados pelas respectivas esposas, tal como eles, irmãs, D. Isabel Machado do Monte e D. Maria Alice do Monte, e, filhos.

Também vindos do Canadá e acompanhados das respectivas esposas, estão cá a passar um pequeno período de férias, os conterrâneos, Gabriel Pires Fernandes Eiras, e José Pires Fernandes Eiras.

Boas férias para todos.

FALECIMENTOS – No lugar de Criaç, faleceu no dia 12 do passado mês de Junho, a senhora Carolina Martins Ferreira, viúva de António Barros Lucas. Nasceu em Apúlia em 31 de Janeiro de 1926, filha de Zacarias Lopes Ferreira e de maria da Conceição Ferreira Martins.

– No lugar de Areia, faleceu no dia 20 do mesmo mês, a senhora Elvira dos Santos Oliveira, natural de Castanheira do Vouga - Águeda, nascida em 6 de Maio de 1926, filha de António Morado, e Maria Rodrigues dos Santos.

Era viúva de António José Ribeiro Machado.

– Na sua casa da Rua do Cruzeiro - Areia, faleceu a senhora Maria Adelaide Hipólito Alves, casada com JOAQUIM MIRANDA MORGADO, proprietário da conhecida empresa de Limpesas Industriais "SIRIUS".

A saudosa extinta, que sofria de doença grave, ia partir nesse dia para exames de rotina em França, onde há alguns anos fez um transplante ao fígado.

Nasceu em Apúlia em 17 de Fevereiro de 1949, e era filha de Manuel José Alves e de Adelaide Gomes Dias Hipólito.

Os nossos pésames a todos os seus familiares.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

PIZZERIA – CREPERIA – GELATARIA

One Way

TAKE AWAY – ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO – ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE – TELEF. (053) 961586

CANOAGEM

O Clube Náutico de Fão, além da intensa actividade na sua principal modalidade que é a canoagem, está a organizar um programa desportivo junto às suas instalações, denominado "Faça Férias desportivamente" no chamado Volebol de Praia.

Muitas são as equipas participantes, alguma de fora do nosso concelho.

As noites têm sido muito animadas com muito público a assistir com interesse a esta nova modalidade.

SEVILHA

Nas regatas desta cidade espanhola esteve presente o nosso campeão Belmiro Penetra com o objectivo de conseguir os mínimos para poder estar presente nos próximos Jogos Olímpicos.

Nas provas de K2 em que participou atingiu a final mas não obteve o tempo necessário para o efeito desejado e por isso dizemos que para o nosso atleta olímpico Barcelona 92 foi uma realidade e Atlanta 96, um sonho. Paciência, mais oportunidades surgirão para este jovem campeão.

Para o incentivarem estiveram presentes por parte do Náutico de Fão o dirigente Carlos Palma Rios e os atletas Miguel Pedras, Célio Cerejeira e João André Seara.

CAMPEONATO NACIONAL DE PROMESSAS

Na Barca do Lago sagrou-se campeão nacional em K1 Infantis o jovem canoista do Náutico de Fão Pedro Coelho.

MARATONA INTERNACIONAL DE CRESTUMA

Nesta prestigiada prova participaram pela selecção Nacional os canoistas do nosso clube Emílio Araújo e Carlos Vieira em C2 que conquistaram o 1.º lugar. São campeões nacionais de Maratonas.

Pelo Náutico de Fão em K1 Belmiro Penetra conseguiu o que já é habitual, o 1.º lugar e Célio Pereira o 10.º lugar.

Em K2 triunfaram dois ingleses que são os actuais campeões do mundo.

CAMPEONATO DA EUROPA DE JUNIORES - POLÓNIA

Para competir nesta importante prova encontra-se neste país integrado na selecção Nacional o canoista do Náutico de Fão Luís Coelho.

PELO FUTEBOL

A crise voltou. Não há gente para tomar conta do futebol. Já se realizaram duas assembleias e nada. Uns estão cansados. Outros estão sentadinhos. Ninguém quer trabalho. Televisão e pantufas é o que interessa.

Fão já não está à altura dos seus antepassados.

FUTEBOL FEMININO

O Águias de Serpa Pinto comemorou mais um aniversário, o programa festivo foi bem recheado de iniciativas. Esta popular colectividade das Pedreiras já não é só um simples clube de futebol tal é a sua actividade recreativa e cultural, por isso, no principal dia das festividades esteve presente o sr. presidente da Junta que lhes prometeu para breve a construção de um rinque no loteamento do caldeirão. Oxalão a promessa se torne realidade pois bem a merecem.

Parabéns a todos.

JOÃO PEDRAS

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 981475 - (02) 6004690

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.



Na foto as equipas femininas de Futebol de Cinco Casadas e Solteiras

Optica

**GABINETE
DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA**

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, L.ª

**SOL/96
NOVIDADES
EXCLUSIVOS**

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-4

TEL/FAX: (053) 71161

4700 BRAGA

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Papel e caneta e o pensamento entregue ao fascínio ou ao desalento.

Modernamente, já quase ninguém usa este velho sistema e senta-se ao computador.

Os anos vão-me cansando e, um destes dias, falei nisso ao Fernando.

Nenhum dos dois entende nada de técnica e parece-me que não serei capaz de me servir duma máquina, para levar esta crónica aos meus leitores.

Acho que o pensamento acompanha a mão e esta tem o ritmo empolgado da minha alma.

Como está Fão?

Já deve estar animada.

Nós, aqui no interior, com a visão do "Marânus" de Pascoaes ante os nossos olhos, ainda não pensamos na praia.

A cidade está mais descansada com o fecho das aulas, mas as ruas enchem-se, cada dia que passa, de "franceses" que, temporariamente, regressam à lusitanidade.

Os meus amigos ainda cá estão todos e, assim, as tertúlias não foram interrompidas.

Uma chuva miudinha refrescou o ambiente e o verde clorofiliano das plantas é mais lavado.

Estão em casa todos os que amo.

Sentados, juntos a ver televisão é o Amor que eu vejo na mesa, ao lado, em que escrevo.

O telefone liga-nos à outra filha e aos netos e o bloco, feito de pedras, muitas pedras que falam, fecha-se em harmonia e paz.

E, voltando ao início, estou a ver-me atrapalhadíssima diante dum computador.

Não. Definitivamente, não.

Eu quero-me com a caneta e um colegial bloco de papel.

Em seguida, apelo às minhas reservas de imaginação, pego nas palavras, brinco com elas e, quando ou anjos querem, até sai um texto jeitoso.

Hoje precisava de falar dos meus fantasmas.

Não tive coragem, não eram literários e falei de Amor.

Para afugentar os diabos. Para me esquecer. Para mascarar de azul, o luto que vou fazendo das minhas ilusões.

**Se és bairrista
utiliza o banco local**

**Se és bairrista
usa o Correio da terra**

**Se és bairrista
faz as compras em Fão**

REMINISCÊNCIAS DA VIDA TERRENA

HISTÓRIAS QUE OS NOSSOS AVÓS CONTAVAM

Por AMÂNDIO CARAMALHO

Todos nós ouvimos histórias que os nossos avós contavam. Mesmo os que não conheceram os seus AVÓS, sempre teve alguém da família que lhes falaram das coisas que eles diziam.

Antigamente, as pessoas morriam cedo, e principalmente os AVÓS nunca eram vistos pelos netos, pois tinham necessidade de "emigrarem, em busca de recursos, e a maioria nunca mais voltava.

Eu conheci a minha AVÓ materna, já na idade de mais de 75 anos, doente, portadora de uma "Hérnia externa estrangulada", que a obrigava a andar enfaixada e com as mãos fazendo pressão sobre ela, para que a mesma não rebentasse. E a maioria era portadora de outros males. Mesmo assim a minha AVÓ Ermelinda, a quinta, era a última das 6 (seis) irmãs, conhecidas como as TUTAS, e que deixaram em nossa terra inúmeros descendentes, em que grande parte não conhece sua origem, embora há 20 anos passados, eu tivesse distribuído entre eles a sua "ÁRVORE GENEOLÓGICA", mas com pouco interesse despertado no meio.

E nas histórias da minha AVÓ, alguma coisa que me contou, eu mais tarde pesquizei, e tomei conhecimento de fatos verdadeiramente incríveis. Lembro-me de que, na minha infância, a maioria das mulheres de Fão andavam de "PRETO", na suposição de que isso representava sentimento. Poucas sabiam ler e escrever, e a maioria achava que era PECADO casar 2 (duas vezes) e teriam que manter a roupa preta, para denunciar o seu sentimento de viúva. DIVÓRCIO, era ... "Pecado Mortal".

E deixar de ir à Missa aos domingos era excomungado pelo Papa. E no meio de toda a ignorância imposta pelos costumes da época, havia os "ESPERTALHÕES" que se aproveitavam dessa situação, e faziam as suas "caridades", com fama de "BENFEITORES", impedindo que surgissem NOVOS conhecimentos.

E vai ser esta a nossa linha para relembrar as histórias que as nossas AVÓS contavam, mas que ainda poucos quiseram recordar. Na era da Comunicação da

Electrónica, do Computador e dos Astronautas, ninguém vai ficar estranho aos processos esquisitos usados por aqueles que tinham nas mãos o poder de VIDA e MORTE. E vale a pena conhecer a Verdade.

A natureza não falha... e todo o fruto tem seu tempo.

Depois eu conto as coisas NOVAS para a juventude, como solução dos Astronautas e a VIDA NO PLANETA SATURNO.

LIVROS ESCOLARES MAIS BARATOS

Os livros escolares estão, como se diz, pela hora da morte. Ficam muito caros e nos inícios de Outubro as famílias bem mereciam receber o décimo quarto mês para se munirem do material escolar que os estudantes precisam para se lançarem na aventura de mais um ano lectivo.

A Porto Editora, que é a empresa editorial que mais livros vende, tomou-se sensível ao problema. Estudou-o e então resolveu apetrechar o seu parque gráfico com maquinaria da ponta que lhe permite ampliar a impressão dos livros com custos mais reduzidos. Em relação à bolsa dos compradores isto traduziu-se numa diminuição de preços da ordem dos 30%, o que convenhamos, é algo de significativo.

SUBLIME DOAÇÃO

*Dar seu coração aos outros,
Como a Primavera, à flor,
Que prodigamente a aquece
Numa promessa de amor.*

*Dar o seu calor aos outros,
Qual sol que desfaz a neve,
E assim derretam friezas
E o mal se torna mais leve.*

*Dar a sua fé aos outros,
Qual facho na escuridão,
Para jamais haver trevas
No inquieto coração.*

*Dar o seu carinho aos outros,
Em orvalhos sobre a terra,
Para que brotem afectos
Que possam pôr fim à guerra.*

*Dar sua alegria aos outros,
Qual foguete em romarias...
Para não haver tristezas,
Angústias, noites sombrias.*

*Dar as suas mãos aos outros
Em orações de ternura,
É a doação mais bela
Da alma, cheia de alvura.*

EM FESTA

No dia 7 de Julho a Pastelaria Pãpã comemorou o seu trigésimo aniversário. Trata-se de uma casa que se firmou pela qualidade de seus produtos almejando um lugar da frente no universo pasteleiro do concelho.

Aos seus proprietários João António Marques Alves e esposa Maria de Lourdes Veloso da Costa Alves felicitamo-los vivamente e desejamos-lhe um futuro recheado de novos êxitos.

FLORINDA ALMEIDA